

Curso em Serviço de Atendimento Educacional Especializado para
educandos público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva



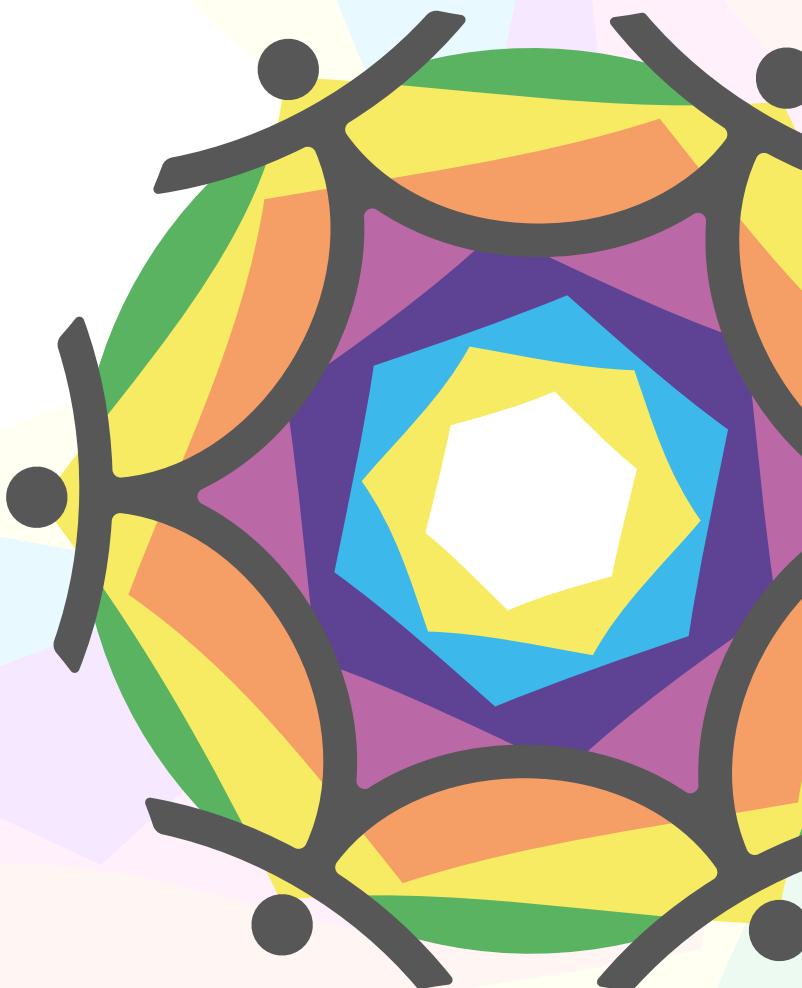
FASCÍCULO DE MOBILIZAÇÃO PARA O CONHECIMENTO



ORGANIZADORAS:

Francéli Brizolla

Michela Lemos Silveira



CRÉDITOS

Reitor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

Roberlaine Ribeiro Jorge

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Paulo Rodinei Soares Lopes

Coordenadora do Programa de Extensão Tertúlias Inclusivas do Pampae do Curso de Aperfeiçoamento “Serviço de Atendimento Educacional Especializado para educandos público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva”.

Claudete da Silva Lima Martins

Professora Pesquisadora e Gestora do Curso de Aperfeiçoamento “Serviço de Atendimento Educacional Especializado para educandos público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva”

Francéli Brizolla

Pesquisadoras:

Jôse Storniolo Nunes Brasil

Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja

Formadoras módulo 01

Rita Cóssio

Jôse Storniolo Nunes Brasil

Secretaria:

Ana Cláudia Godois

Designer Gráfico e Educacional:

Ana Claudia Remonti Rossi

Editor de Vídeos para Acessibilidade:

Maycol Paixão Bastos

Revisora de Língua Portuguesa:

Larissa do Prado Martins

Comunicadora Social:

Simôni Costa Monteiro Gervasio

Tradutores e Intérpretes de Libras:

Ringo Bez de Jesus

Bárbara Raquel Peres

Audiodescritora:

Giovana Brizolla Algarve Santos

Supervisora:

Michela Lemos Silveira

Tutores/as:

Adriana Martins

Aline Quintana Gonçalves

Caroline Luiz de Varga

Débora Barros de Moraes

Dienuza da Silva Costa

Emanuelle Aguiar de Araujo

Fernanda de Lima Pinheiro

Francine Carvalho Madruga

Gabrielle Coggo

Iracema Barbosa Pinheiro

Laura Moreira

Lilia Jurema Monteiro Masson

Luciana Moraes Soares

Mariléia Corrêa Camargo Rocha

Mireille Mabel Machado Dworakowski

Ricardo Costa Brião

Roseli de Fátima da Silva Feitosa Galvão

Samara de Oliveira Pereira

Vinicio Freitas de Menezes

Tamara Campos Vaz

Taís Granato Nogueira

Tenely Cristina Froehlich

Thainá Pedroso Machado

Ticiane da Rosa Osório

Yuri Freitas Mastroiano

Uilson Tuiuti de Vargas Gonçalves

SUMÁRIO

Tertúlia de mobilização para o conhecimento.....	5
1. “Que curso é este?”	6
1.1 O “mapa”: caminhos da formação (dados de identificação).....	6
1.2 Proposta metodológica.....	8
1.2.1 O Grupo Inclusive-Unipampa: do sul do Sul para o Brasil.....	8
1.2.2 A formação por Tertúlias.....	10
1.2.3 As “Tertúlias AEE”.....	12
1.3 Materiais didáticos, ambiente virtual de aprendizagem e atividades.....	13
1.3.1. Sobre os materiais didáticos.....	13
1.3.2 Ambiente virtual de aprendizagem.....	14
1.3.3 Atividades principais.....	15
1.4 Pessoas que fazem o curso (equipes envolvidas).....	15
1.4.1 Supervisão geral.....	16
1.4.2 Equipe pedagógica.....	17
1.4.3 Equipe técnica.....	19
1.4.4 Tutores.....	25
2. “Qual o sentido da formação do Curso Tertúlias AEE?”.....	26
2.1 Sobre a Educação Inclusiva.....	26
2.2 Sobre Apoio pedagógico especializado.....	29
2.3 Sobre Trabalho colaborativo.....	31
3. “Quem é você?”.....	35
4. Referências.....	36

TERTÚLIA DE MOBILIZAÇÃO PARA O CONHECIMENTO

6. Planejamento acessível - parte 2:
Oficinas de construção de Planos Acessíveis



5. Operacionalização do apoio pedagógico colaborativo na escola inclusiva:
acessibilidade pedagógica e quebra de barreiras à presença, participação e aprendizagem



CAROS(AS) CURSISTAS,

Com alegria, firmadas no “esperançar”, apresentamos este primeiro fascículo do material didático do **Curso de Aperfeiçoamento “Tertúlias AEE”**, situando a formação em atendimento educacional especializado na perspectiva da educação inclusiva.

Assim, no decorrer do fascículo, apresentam-se a estrutura, a metodologia de formação e as equipes de desenvolvimento da formação.

Em seguida, o Caderno aborda os princípios educacionais que fundamentam toda a proposta, conforme o referencial teórico-conceitual que vem sendo utilizado pelo Grupo Inclusive-Unipampa, expondo o “sentido” da formação.

Por fim, convidamos os(as) cursistas para integrarem esse movimento formativo, complexo e diverso, inspirado na metáfora do caleidoscópio - símbolo da Inclusão.

“Uma longa viagem começa com um único passo”
(Lao-Tsé)

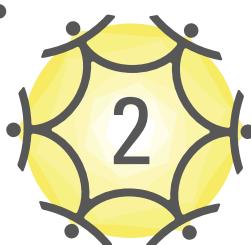
Bem vindos, bem vindas e bem vindes!

Desejamos uma excelente experiência formativa a todos, todas e todes!

Francéli e Michela



1. Da Educação Especial ao Atendimento educacional especializado (AEE) na escola comum inclusiva: histórico evolutivo da estrutura legal e normativa



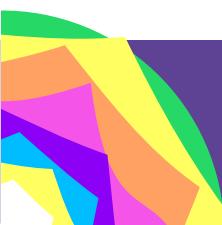
2. Apoio pedagógico colaborativo aos/as estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação



3. Percursos curriculares individualizados - Planos Educativos Individualizados (PEI) e Planos de Desenvolvimento Individual (PDI)



4. Planejamento acessível - parte 1



1. “QUE CURSO É ESTE?”

Conhecendo a proposta da formação e as pessoas envolvidas

1.1 O “mapa”: caminhos da formação (dados de identificação)

O Curso de Aperfeiçoamento “Serviço de Atendimento Educacional para educandos público-alvo da educação especial na perspectiva inclusiva” é planejado e promovido pelo Grupo Inclusive (Grupo de Estudos e Pesquisas em Diversidade e Inclusão na Educação Básica e Superior), em parceria com o Ministério da Educação/Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação/Diretoria de Educação Especial.

- »»» Curso em Serviço de Atendimento Educacional Especializado para educandos público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva - **“Tertúlias AEE”**
- »»» 600 cursistas
- »»» 25 turmas
- »»» Aperfeiçoamento (180h) - 6 meses
- »»» Início: 03/12/2022 - Término: 27/05/2023
- »»» 8 Tertúlias (mobilização, construção e síntese do conhecimento)

Tertúlia inaugural de Acolhida e Mobilização: seminário de abertura e início das aulas “Tertúlia Nada Sobre Nós Sem Nós (NSNSN): “Do acesso à permanência nas etapas da educação básica: inclusão para quem?” (parceria: Grupo Inclusive).

Primeira Tertúlia (30h): Da Educação Especial ao Atendimento educacional especializado (AEE) na escola comum inclusiva: histórico evolutivo da estrutura legal e normativa.

Segunda Tertúlia (30h): Apoio pedagógico colaborativo aos/as estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Terceira Tertúlia (30h): Percursos curriculares individualizados.

Quarta Tertúlia (30h): Planejamento acessível - parte 1.

Quinta Tertúlia (30h): Tertúlias Fast Operacionalização do apoio pedagógico colaborativo na escola inclusiva: acessibilidade pedagógica e quebra de barreiras à presença, participação e aprendizagem.

Sexta Tertúlia (30h): Planejamento acessível - parte 2: Oficinas de construção de Planos Acessíveis.

Tertúlia de encerramento e síntese do conhecimento: seminário final (parceria: Grupo Inclusive).

Sendo mais um dos cursos ofertados pelo Grupo Inclusive desde 2016 (a proposta de formação se iniciou antes, ocorreu durante e segue após o período da pandemia por COVID-19), diferencia-se dos demais pelo caráter de aprofundamento por meio do curso em nível de aperfeiçoamento e por apresentar uma problematização do serviço de atendimento educacional especializado no contexto da escola comum que deve ser, por direito e legislação, inclusiva. Temos, pois, um objetivo, um caminho e um desafio a propor aos que conosco percorrem esta trilha da inclusão escolar. Inspiradas e inspirados em um trecho do clássico desenho “Alice no País das Maravilhas”, no qual Alice está caminhando pela floresta e, ao chegar em uma encruzilhada, onde inúmeros possibilidades de caminhos se apresentam para prosseguir, traçamos a nossa estrada:

Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir (...)?

Isso depende muito de para onde queres ir (...).

Preocupa-me pouco aonde ir (...).

Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas - replicou o gato.

(Lewis Carroll, em Alice no País das Maravilhas, 1865)



Objetivo: ofertar formação acadêmico-profissional a professores/as da Educação Básica, em nível de aperfeiçoamento, prioritariamente para os que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE), com o intuito de proporcionar uma aprendizagem sobre o atendimento educacional especializado para estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, na escola comum inclusiva.

Assim, frente às várias propostas de formação realizadas pelo grupo e por demais grupos, instituições, universidades, etc. Neste tema, no Brasil, apresentamos o Curso denominado “Tertúlias AEE”, sendo um caminho que se inicia na Pampa Gaúcha (Rio Grande do Sul) e se entrecruza com as trilhas de outras localidades deste imenso País, por meio da jornada de cada um dos(as) cursistas que conosco caminham rumo a uma escola para todos, todas e todes.

1.2 Proposta metodológica

1.2.1 O Grupo Inclusive-Unipampa: do sul do Sul para o Brasil

Nesta seção realizamos uma breve apresentação do Grupo Inclusive, promotor das “Tertúlias Inclusivas no Pampa”.

De acordo com Brizolla e Martins (2021), o Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior foi criado na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), uma Universidade multicampi que se localiza na Região da Campanha Gaúcha, majoritariamente, implantada na chamada “metade sul” do Rio Grande do Sul (RS), em uma região de fronteira com o Uruguai e a Argentina. Nesse caso, a criação se deu a partir de uma mobilização da comunidade local no intuito de ampliar a oferta de ensino superior gratuito na região, com apoio do Ministério da Educação, através do Programa REUNI - programa de ampliação da educação superior no Estado, por meio de um Acordo de Cooperação Técnica, no ano de 2005 (maiores informações disponíveis em <https://unipampa.edu.br/portal/>).

Figura 1: foto com vista aérea do campus Bagé, da Unipampa (Bagé, RS).



Fonte: acervo das autoras (2022)

Audiodescrição: fotografia aérea da estrutura de prédios da Unipampa, campus Bagé. Na metade superior, céu azul claro. Na metade inferior, em segundo plano, campo e vegetação em tons de verde até a linha do horizonte e, em primeiro plano, prédios de dois e três andares, com paredes bege claro, colunas externas coloridas e janelas largas. Em frente ao prédio, um estacionamento aberto com diversos carros e o planetário, com uma passarela de acesso contornando a cúpula prateada e uma estrutura sob a cúpula em vermelho. Fim da descrição.

Em relação às questões pedagógicas, sendo uma universidade que ainda experimenta um processo de consolidação, oficialmente com menos de 15 anos de atividade, e localizada em municípios distantes dos grandes centros urbanos, enfrenta importantes desafios tanto à formação inicial de professores(as) quanto às políticas de formação continuada, especialmente, formação acadêmico-profissional de educadores(as).

No contexto da região e da Universidade apresentadas, o Grupo Inclusive foi criado no ano de 2014, tendo como principal escopo de ação a formação de educadores(as) na perspectiva de uma educação inclusiva, na região do Pampa Gaúcho, por meio de projeto de desenvolvimento regional de inclusão escolar, com interiorização da pesquisa, difusão do ensino e vinculação social desta temática com e nas comunidades educacionais locais, bem como, em parcerias com os Poderes públicos municipais e estadual (BRIZOLLA; MARTINS, 2021, p. 21-22) (maiores informações disponíveis no Diretório dos Grupos de Pesquisa - DGP/Lattes: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4730792184222409).

Figura 2: assinatura visual do Grupo Inclusive.



Audiodescrição: Fundo branco e assinatura visual do Grupo Inclusive. Ao centro, em letras pretas e grandes, o nome “Inclusive”. Em cima da letra “i”, a representação de uma copa de uma árvore, com preenchimento verde com textura de caleidoscópio, e um entorno roxo na copa, também com textura caleidoscópica. Embaixo de toda a extensão do nome, um delineado verde em curva suave para cima e depois para baixo; em letras pretas e pequenas, abaixo do delineado: Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior.

Fonte: BRIZOLLA; SANTOS (2021).

Como simbologia para sua difusão e atuação, o Inclusive faz uso da ideia do caleidoscópio para referenciar a compreensão de inclusão do grupo; conforme Brizolla (2000), o caleidoscópio é reconhecido como a “metáfora da inclusão”:

(...) Esta imagem foi muito bem descrita por Forest e Lusthaus, ambos canadenses, no ano de 1987, desta forma: “O caleidoscópio precisa de todos os pedaços que o compõem. Quando se retira pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico. As crianças se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado”. (BRIZOLLA, 2000, p. 52)

Por fim, o Inclusive atua no desenvolvimento da tríade ensino-pesquisa-extensão universitária, em três linhas de ação: 1. Ensino e aprendizagem na perspectiva inclusiva; 2. Formação de educadores e educadoras na perspectiva inclusiva; e 3. Política e gestão da educação na perspectiva inclusiva. Para implementação das ações referentes à formação de educadores e educadoras na perspectiva inclusiva, organiza formação continuada por meio do Programa “Tertúlias Inclusivas no Pampa: discutindo a inclusão e a inovação educacional”, desenvolvido desde 2016, contando com a participação de estudantes dos cursos de licenciatura e de pós-graduação na área da Educação e Ensino da universidade, pessoas com deficiência (e familiares/comunidade) e profissionais da Educação Básica e do Ensino Superior.

1.2.2 A formação por Tertúlias

O que são tertúlias? Tertúlias, em essência, são reuniões - de amigos, de familiares ou simplesmente de frequentadores de um local, os quais se reúnem periodicamente para discutir vários temas, especialmente os literários. As tertúlias também são conhecidas como coletivo de pessoas íntimas reunidas em prol de um mesmo objetivo.

No Sul do Brasil, incluindo a região do Pampa Gaúcho, as tertúlias possuem uma forte conotação artística e didática, como um espaço para criação e discussão filosófica, conhecidas por momentos de festa e reforço do regionalismo sulista; nesse contexto específico, é identificada como um espaço dialógico, de trocas e partilhas, onde predominam os valores da coletividade e da colaboração, com isonomia de tratamento e hierarquia entre membros de um grupo, com valorização de todos os saberes e posições, em debate coletivo.

Com base na concepção das tertúlias, o Grupo Inclusive construiu seu processo metodológico com os seguintes pressupostos:

- a. metodologia dialética de construção do conhecimento**, a qual comprehende que o conhecimento é construído pelas pessoas na sua relação com as outras e com o mundo (VASCONCELLOS, 1992), apoiada nos três momentos pedagógicos inter-relacionados na circularidade ação-reflexão-ação: 1º. mobilização para o conhecimento (síntese); 2º. (re)construção do conhecimento (análise); e 3º. elaboração da síntese do conhecimento (síntese); e
- b. organização metodológica em tertúlias pedagógicas inclusivas**, com caráter inclusivo e dialógico (FREIRE, 1983 apud BRIZOLLA; MARTINS, 2021) e crítico-transformador.

Nesse sentido, as tertúlias inclusivas são:

(...) espaços formativos dialógicos planejados para discutir, estudar, fomentar e auxiliar na implementação de práticas pedagógicas escolares inclusivas e inovadoras realizadas no “chão” da escola, tanto por meio da atuação das/os professoras/es das classes comuns, quanto por meio dos serviços e espaços do atendimento educacional especializado e, ainda, pela ação da gestão escolar. (BRIZOLLA; MARTINS, 2021, p. 27)

Figura 3: logomarca do Programa “Tertúlias Inclusivas no Pampa”



Audiodescrição: Fundo branco. Ao centro, o contorno de uma cuia de chimarrão, com preenchimento em azul degradê, uma letra “T” maiúscula centralizada e a representação de uma copa de uma árvore verde, sob a letra. No entorno da cuia, a palavra “Tertúlias” em tons de cinza, uma à esquerda, outra acima e outra à direita, conectando-se e formando um círculo. Abaixo no círculo, também conectado, se lê “Inclusivas do Pampa”. Fim da descrição.

Fonte: BRIZOLLA; SANTOS (2021).

1.2.3 As “Tertúlias AEE”

Considerando o amplo ordenamento legal e normativo que busca garantir o acesso à educação de todos, todas e todes, nos vários níveis de ensino, as formações de educadores(as) são permeadas pelo desafio de propor reflexões sobre o educar na diversidade, garantindo o acesso e a permanência dos estudantes no processo educativo, com sucesso. Tal desafio complexo exige, para além de políticas e culturas inclusivas, a promoção de práticas pedagógicas que valorizem as diferenças e a diversidade, pautadas no princípio da equidade e da inovação na educação.

Somada a esse desafio, com base nas experiências dos trabalhos de formação já desenvolvidos ao longo destes seis anos (ações, projetos e programas de pesquisa e extensão), na interface com a Universidade e a região, nos formatos presencial e remoto, o Inclusive foi construindo sua identidade de trabalho dentro do escopo prioritário de atuação, qual seja, na área da educação inclusiva. Esse aprimoramento de missão institucional e compromisso com a inclusão proporcionou que a marca do grupo acompanhasse essa intencionalidade.

Assim, para a primeira edição do curso de aperfeiçoamento foi escolhida a simbologia do caleidoscópio para referenciar e fundamentar a compreensão de apoio pedagógico especializado na perspectiva da escola comum inclusiva; conforme já abordado, o caleidoscópio é reconhecido como a “metáfora da inclusão”.

O que é um caleidoscópio? Um caleidoscópio ou calidoscópio é um aparelho óptico formado por um pequeno tubo de cartão ou de metal, com pequenos fragmentos de vidro colorido, que, através do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos inclinados, apresentam, a cada movimento, combinações variadas e agradáveis de efeito visual. O nome deriva das palavras gregas καλός (kalos), “belo, bonito”, εἶδος (eidos), “imagem, figura”, e σκοπέω (skopeō), “olhar (para), observar”.

Na relação com o curso em tela, a ideia de caleidoscópio é retomada, entendida como metáfora para dar o sentido teórico-conceitual do escopo da formação - a complexidade do processo de construção da escola inclusiva, sendo o atendimento educacional especializado uma parte componente deste mosaico de sujeitos, estruturas e contextos envolvidos.

Dessa maneira, cada tertúlia é um módulo simbolizado por uma cor, que transmite uma mensagem de valor e que completa e se complementa em movimento caleidoscópico com as demais, proporcionando riqueza e complexidade ao processo de compreensão da temática do curso. Cada turma, por sua vez, lida com a tertúlia de modo singular, a partir do contexto dos(as) cursistas, tornando único cada um dos processos construídos na formação.

A seguir, apresentamos uma breve descrição das tertúlias que compõem o curso.

Figura 4: imagem do caleidoscópio do curso formado pelas Tertúlias.



Fonte: acervo das autoras (2022)

Audiodescrição: logo com desenho gráfico, à esquerda, representando um caleidoscópio em formato redondo com seis camadas coloridas, da mais externa para a mais interna: verde claro, amarelo, laranja, rosa, roxo e azul claro. Cada camada representa uma das seis tertúlias do curso, têm formato de hexágono e estão em posições que não se alinham às pontas. Sobre o caleidoscópio, em delineado preto, pictogramas de seis pessoas de braços abertos e ligados pelo traçado das pernas se completam às camadas. À direita, em letras maiúsculas e verdes claras, se lê “AEE” e, abaixo, em letras minúsculas e pretas, “Tertúlias”. Fim da descrição.

1.3 Materiais didáticos, ambiente virtual de aprendizagem e atividades

1.3.1. Sobre os materiais didáticos: o Curso de Aperfeiçoamento “Tertúlias AEE” será desenvolvido com três tipos predominantes de materiais, a saber:

01. Fascículo de Mobilização para o conhecimento: consiste no caderno geral, com apresentação do curso, estrutura e metodologia de desenvolvimento, pessoas envolvidas e fundamentação teórico-conceitual, dividido em três seções. É o caderno do “sentido” da formação como um todo. A Introdução aborda sobre as Tertúlias AEE e seu modelo de funcionamento, situando que tal caderno de fundamentação teórica faz parte de uma formação em nível de Aperfeiçoamento. A segunda seção aborda os três eixos centrais da formação - educação inclusiva; apoio especializado: sua importância no

projeto da escola comum inclusiva (na e para a comunidade escolar como um todo); e trabalho colaborativo (sua importância no projeto da escola comum inclusiva) - os quais justificam os conteúdos e a sequência das seis Tertúlias de desenvolvimento (módulos). Por fim, na terceira seção, o caderno incorpora uma atividade autobiográfica para os(as) cursistas, considerando que estas são as “peças” fundamentais para a diversidade, o colorido e a ampliação do caleidoscópio que a formação pretendida encerra. O Caderno de Mobilização para o conhecimento será disponibilizado integralmente no início do Curso.

02. Fascículos de Construção do conhecimento (atividades teórico-práticas): cada Tertúlia contará com um fascículo teórico-prático, que fica sob responsabilidade dos(as) Formadores(as), bem como, se desejável, de Convidados(as) que poderão integrar a formação; as atividades serão registradas por meio de um template. A produção e a entrega do fascículo da Tertúlia em desenvolvimento será disponibilizada no início de cada Tertúlia. A partir deste material, os(as) Formadores(as) terão a responsabilidade de: - apresentar uma discussão conceitual da temática da Tertúlia; - propor atividades de dinamização das questões teóricas apresentadas, seja na aula síncrona inaugural, seja nas atividades assíncronas propostas, sob supervisão da equipe de Tutoria.

03. Fascículo especial “Estória pedagógica”: como Síntese do conhecimento, os conteúdos discutidos e refletidos serão trabalhados por meio da construção coletivo-colaborativa de uma estória pedagógica; como forma de dinamizar a construção da estória, será oferecido um fascículo especial com orientação para construção e personagens-avatares para compor o enredo. Cada turma terá autonomia para criar, estruturar e compor a estória e, ao final do curso, estima-se que esta produção seja publicada.

1.3.2 Ambiente virtual de aprendizagem: sendo um curso da modalidade EaD, o mesmo será oferecido e organizado no Google Sala de Aula (ou Google Classroom), com ao apoio de outras ferramentas como o Google Meet, para os encontros síncronos semanais opcionais, e o Whatsapp, para os grupos das turmas. O Google Sala de aula é uma ferramenta que possibilita o gerenciamento e organização de tarefas para turmas e pode ser acessada através do site <https://classroom.google.com/> ou do aplicativo do Google Sala de aula disponível tanto para Android quanto para iOS. Neste ambiente, cada cursista fará parte de uma turma onde disponibilizaremos os materiais e atividades dos módulos do curso. Os convites para o ingresso nas turmas serão encaminhados para o e-mail cadastrado pela(o) cursista no momento da inscrição.

1.3.3 Atividades principais: o Curso “Tertúlias AEE” prevê atividades semanais, síncronas e assíncronas, individuais e coletivas (turmas), com um trabalho final individual para integralização da carga horária de aperfeiçoamento (180h).

A dinâmica de desenvolvimento das atividades será acompanhada pelos(as) Formadores(as) e/ou pela equipe de Tutoria, a depender da natureza da mesma.

A seguir, apresentamos a relação das principais atividades do Curso:

- »» **Tertúlia temática de mobilização - abertura do curso:** “Tertúlia Nada sobre nós sem nós (NSNSN)”.
- »» **Tertúlias de construção do conhecimento:** módulos de fundamentação teórico-conceitual, com atividades síncronas e assíncronas, no ambiente virtual de aprendizagem do curso.
- »» **Tertúlia-Fast “Acessibilidade”** (seminários temáticos).
- »» **“Tertulião”** (encontros inter-turmas).
- »» **Estória Pedagógica:** “Aventuras na escola inclusiva”

1.4 Pessoas que fazem o curso (equipes envolvidas)

“(...) o primeiro movimento é compreender quem nós somos como pessoa. Porque sem nos reconhecermos não vamos conhecer o outro. E sem vínculo não há aprendizagem. Escolas são pessoas e pessoas são seus valores”.

(José Pacheco)

1.4.1 Supervisão geral

Coordenação geral do Programa de formação: **Claudete da Silva Lima Martins**

Audiodescrição: fotografia de Claudete, uma mulher branca, com cabelos castanhos com mechas loiras, ondulados e longos. Usa brincos dourados pequenos, está com maquiagem suave e batom vermelho. Veste uma blusa preta de mangas curtas e está com parte do corpo iluminado pelo sol. Olha para foto, sorri e está com o braço esquerdo esticado fazendo selfie.

"Professora, mãe, filha, esposa, amiga, esperançosa, amorosa, apaixonada por viagens e entusiasmada com a vida e com as suas inúmeras possibilidades, especialmente, de que ela seja inclusiva, justa, amorosa, alegre, encantadora e feliz para todos e todas".



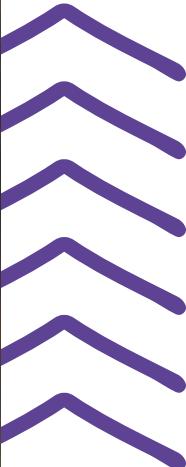
É professora da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, atuando no Campus Bagé como docente de componentes curriculares da área da Educação em cursos de licenciatura e no Mestrado Acadêmico em Ensino. Faz parte dos grupos de pesquisa INCLUSIVA, GRUPI e Minuano. É coordenadora do Programa de Extensão Tertúlias Pedagógicas Inclusivas no Pampa, e do Curso de aperfeiçoamento: serviço de atendimento educacional especializado para educandos público-alvo da educação especial e na perspectiva inclusiva. Doutora e Mestre em Educação (UFPEL), Especialista em Educação Especial (UFSM, URCAMP), Licenciada em Pedagogia (URCAMP). Foi orientadora educacional e professora efetiva da rede Municipal e estadual de Ensino de Bagé/RS. Tem experiência na área da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, educação inclusiva, políticas públicas educacionais e práticas pedagógicas inclusivas.

1.4.2 Equipe pedagógica

Coordenação pedagógica: Francéli Brizolla

audiodescrição: fotografia de Francéli, uma mulher de pele morena clara, com cabelos castanhos escuros, ondulados e longos, abaixo dos ombros. Está maquiada e com brincos longos. Usa um vestido escuro de mangas longas com estampa florida em roxo e azul. Segura as pontas do cabelo com a mão esquerda, olha para a foto e sorri.

“Sou gaúcha, mãe de Giovana, João e Mariah Flor, amo o frio, a Pampa Gaúcha, um bom vinho, livros e Yoga! Tenho a educação como um ‘modo de vida’!”



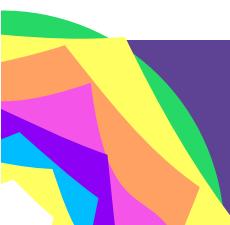
Educadora por escolha, professora licenciada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (1997), Mestre e Doutora em Educação (2000 e 2007) - área de política e gestão da educação - pela Universidade Federal Do Rio Grande do Sul (UFRGS-RS). Docente na Unipampa (RS) e Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Ensino. Sou líder do Grupo INCLUSIVE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, que atua com estudos e pesquisas na área da diversidade e inclusão e acessibilidade pedagógica na perspectiva da Educação para Todos.

Supervisão pedagógica: Michela Lemos Silveira



audiodescrição: fotografia de Michela, uma mulher de pele clara, com cabelos castanhos, lisos e longos, que estão com a lateral iluminados pelo sol. Usa uma blusa preta com ombros aparentes. Olha para a foto e sorri.

“Mãe da Brenda, Guilherme e João Pedro, amo cultivar flores e chás, tenho muitos pets de estimação, cães, gatos e porquinha da índia. Adoro viajar, ler e torcer pelo Internacional-POA e Guarany de Bagé. Gosto de praticar vôlei e tomar um bom chimarrão. Os estudos são minha vida, pois vivo em busca de novos saberes e aprendizados. Sou grata pelas oportunidades vivenciadas.”



Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa -PPGMAE- (UNIPAMPA - Bagé), pós-graduada em AEE (UEM-PR), Especialista em AEE com ênfase em Deficiência Intelectual (PORTAL- Faculdades), graduada em Educação Especial (UFSM-RS) e cursei magistério. Professora de AEE, há quinze anos nas SRM, da rede municipal de Bagé. Sou membro do Grupo INCLUSIVE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, que atua com estudos e pesquisas na área da diversidade e inclusão e acessibilidade pedagógica na perspectiva da Educação para Todos.

Supervisão pedagógica auxiliar: Nara Rosane Machado de Oliveira



Audiodescrição: fotografia de Nara, uma mulher branca, com cabelos grisalhos, lisos e curtos, na altura dos ombros. Está com maquiagem suave e batom escuro. Usa lenço cinza no pescoço e uma blusa estampada em preto, cinza e branco. Olha para a foto sorrindo e, à esquerda, vários vasos com flores coloridas.

Mãe de dois homens e avó, “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir além [...] minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.” (Paulo Freire)

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé RS, Especialista em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé RS, Especialista em Segurança Pública pela Pontifícia Universidade Católica do RS, Licenciada em Letras Português/Espanhol e respectivas Literaturas na Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé e Bacharel em Ciências Contábeis na Fundação Átila Taborda - Faculdades Unidas de Bagé - FAT-FUNBA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias, Juventudes e suas famílias - GEPIJUF da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Membro do INCLUSIVE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior da Universidade Federal do Pampa/RS. Interesse de estudos nas áreas de ensino, políticas públicas na educação para todos com ênfase no Ensino Médio, relações sócio-históricas-culturais relativas as (in)(ex)clusões sociais das juventudes, literatura, direitos humanos, sociologia e diversidade cultural como construtores de cidadania.

1.4.3 Equipe técnica

Pesquisadora:

Jôse Storniolo Brasil

Audiodescrição: fotografia de Jôse, uma mulher de pele clara, com cabelos pretos, ondulados e longos. Está maquiada e usa roupa de formatura: chapéu com plumas brancas, com símbolo de uma balança, e toga preta. Segura um canudo vermelho do curso de Direito com a mão direita. Sorri e olha para foto.

“Mãe de PET, louca por vinhos, viagens e pela vida!”

Graduada em Direito pela Universidade da Região da Campanha/URCAMP, Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Pampa, Funcionária Pública Federal na Universidade Federal do Pampa onde iniciou seus trabalhos junto ao Núcleo de inclusão e Acessibilidade/NInA; atualmente, exerce suas atividades na Pró-Reitoria de Graduação/PROGRAD, na função de Assessora de Projetos, Programas e Estágios, é interlocutora do Programa de Educação Tutorial dos grupos PET, assessora administrativa dos Programas Residência Pedagógica e Programa de Bolsa de Iniciação à Docência. É membro do Grupo INCLUSIVE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, que atua com estudos e pesquisas na área da diversidade e inclusão e acessibilidade pedagógica na perspectiva da Educação para Todos.



Comunicadora Social:

Simôni Costa Monteiro Gervasio



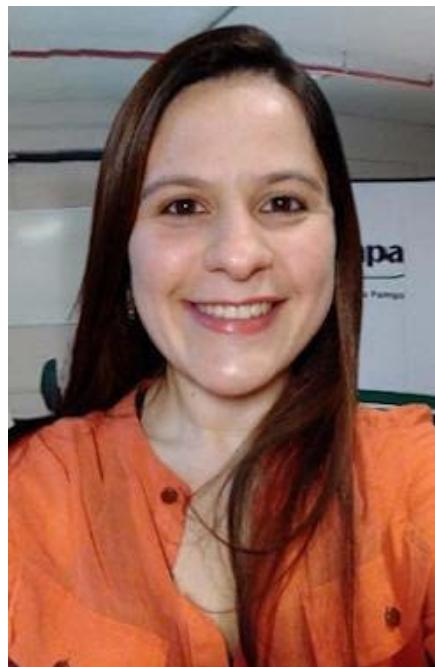
Audiodescrição: fotografia de Simôni, uma mulher branca, com cabelos castanhos escuros, lisos e curtos, na altura do pescoço, com franja grande para o lado. Usa brincos pequenos de pérolas, uma corrente prateada fina e veste um blazer vermelho escuro sobre uma blusa preta. Está de frente para a foto, sorrindo.

Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo (Bacharelado) pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp), 2009; Pedagoga (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), 2012. Especialista em Linguagem e Docência pela Universidade Federal do

Pampa (Unipampa), 2014. Especialista em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), 2017. Especialista em Gestão em Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), 2021. Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa (PPGMAE). Desenvolve pesquisas na área de História da Educação, relacionadas especificamente com impressos pedagógicos, a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e o Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE). Faz parte do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA), vinculado à Unipampa, campus Bagé, e do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) vinculado à UFPel. Integrou a diretoria da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), no conselho fiscal pelo biênio 2019-2021. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação. Professora voluntária na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS/Bagé), no curso de licenciatura em Pedagogia.

Pesquisadora:
Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja

Audiodescrição: fotografia de Cristiane, uma mulher branca, com cabelos castanhos, lisos e longos. Está com maquiagem suave e com batom nude. Veste uma camisa laranja abotoada e com bolsos na frente. Sorri e olha para a foto.



Possui curso Técnico em Processamento de Dados (2002) e graduação em Informática (2007) pela Universidade da Região da Campanha, graduação em andamento em Letras (Português e Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pampa, especialização em Redes de Computadores pela Escola Superior Aberta do Brasil (2012), Mestrado Acadêmico em Ensino pela Universidade Federal do Pampa (2020).

Atualmente é Analista de Tecnologia da Informação da Universidade Federal do Pampa. Tem experiência profissional na área de Redes e Suporte em Tecnologia da Informação e Comunicação. Tem interesse especialmente nos seguintes temas: Tecnologias da Informação e Comunicação, Letramentos, Novos Letramentos e Cultura digital.



Designer gráfica e educacional: Ana Claudia Remonti Rossi

Audiodescrição: fotografia de Ana Claudia, uma mulher branca, com cabelos platinados brancos, ondulados e na altura do pescoço. Usa óculos de grau de armação preta e redonda e brincos pequenos pretos. Veste uma jaqueta preta sobre uma blusa preta. Olha para frente, sem olhar para a foto, e está com expressão neutra.

"Apixonada pela forma e composição visual."

Graduada em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Após a formação, atuou como designer em Bagé para museus, espaços culturais e em projetos editoriais como livros e jornais. Atualmente, é freelancer e designer de cenários na cidade de Carlos Barbosa/RS.

Audiodescrição: Giovana Brizolla Algarve Santos

Audiodescrição: fotografia de Giovana, uma mulher branca, com cabelos castanhos claros, ondulados e longos, que estão com a lateral iluminados pelo sol. Está maquiada e com batom nude e veste uma blusa verde sob uma casaco preto. Olha para a foto e sorri.



Licenciada em Música pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e Musicoterapeuta Especialista pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM/RJ). Audiodescritora em formação livre. Membro do Grupo Inclusive (Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior). Atua como musicoterapeuta e educadora musical, com educação musical inclusiva, com o ensino de piano e com audiodescrição.

Revisora de Língua Portuguesa: Larissa do Prado Martins

Audiodescrição: fotografia de Larissa, uma mulher branca, tem cabelos ruivos, lisos e longos e com franja curta sobre a testa. Usa óculos de grau de armação marrom escura e oval, está com maquiagem suave e usa batom rosa. Veste uma camisa jeans escura abotoada. Olha para a foto e está com um sorriso discreto.

Graduada no curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, pela UNIPAMPA, campus Bagé. Foi bolsista de iniciação a docência pela CAPES, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PI-BID), também foi professora de Português e Redação no Curso Preparatório Simplifica, voluntária do Projeto Salvaguarda, e a partir de abril de 2018 passou a fazer parte do Programa de Educação Tutorial (PET), onde participou dos projetos do programa e atuou como editora da Revista Informe Letras até o fim da graduação. Atualmente, é pós graduanda em Linguagens verbo/visuais e Tecnologias pelo IFsul, campus Pelotas, mestrandona área da educação pela Unipampa, campus Bagé e integrante da equipe técnica no curso Tertúlias AEE, onde atua como Revisora de textos.



Editor de vídeos para Acessibilidade: Maycol Paixão Bastos

Audiodescrição: fotografia de Maycol, um homem branco, com cabelos pretos, ondulados e curtos, com corte degradê nas laterais. Tem barba e bigode pretos e curtos, usa brinco verde pequeno de argola e uma corrente fina de prata. Veste uma camiseta branca de mangas curtas, olha para a foto e sorri discretamente.

“Um dia criarei asas”



Cursando sua primeira graduação em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Pelotas, atua como produtor de conteúdos audiovisuais acessíveis no curso Tertúlias AEE.



Secretária:

Ana Claudia Godois

Audiodescrição: fotografia de Ana Claudia, uma mulher branca, com cabelos castanhos claros, lisos e na altura do pescoço. Usa óculos de grau de armação marrom escura e arredondada, está maquiada e com batom vermelho. Veste uma camisa amarela abotoada, estampada com pequenas flores vermelhas. Está posicionada de perfil para foto, olha para a frente e sorri.

“A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças, e não com as igualdades” (Freire, 1998).

Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas, Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela UniCesumar, Graduanda em Pedagogia pela Estácio; atuou como secretária e tutora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade Federal de Pelotas e hoje atua como secretária do curso de Aperfeiçoamento ao serviço de atendimento educacional especializado de educandos público da Educação Especial na perspectiva Inclusiva.

Tradutor e Intérprete de Libras:

Ringo Bez de Jesus

Audiodescrição: fotografia de Ringo, um homem de pele clara, com cabelos pretos, ondulado e curtos, com corte degradê nas laterais. Tem barba e bigode pretos e curtos, usa óculos de grau de armação preta e quadrada e brincos alargadores pretos. Veste uma camiseta vermelha de mangas curtas com detalhes na frente e uma jaqueta preta sobre os ombros. Olha para a foto, sorri discretamente e está com o braço direito esticado fazendo selfie.

“Reikiano, pai do Chico, um gatinho siamês e adoro praia.”

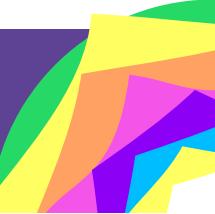


Ringo Bez de Jesus é doutorando e Mestre (2017) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Bacharel (2013) em Letras com habilitação em Língua brasileira de sinais - Libras pela UFSC - (primeira turma na modalidade presencial) com período de graduação sanduíche (2012) na Gallaudet University - Washington, D.C. e Licenciado (2018) em Letras com habilitação em Língua brasileira de sinais - Libras pela mesma Universidade. Atua como Tradutor e Intérprete de Libras-Português na Universidade Federal do Paraná (UFPR). É pesquisador do PEDITRADI - Pedagogia e Didática da Tradução e da Interpretação, vinculado à CAPES/CNPq e à UFSC. Tem experiência e interesse na área dos Estudos da Interpretação (Interpretação Comunitária), Interpretação em contextos da saúde, formação e profissionalização de intérpretes de língua de sinais no contexto da saúde (medical interpreters) e Didática de Tradução com base na Abordagem por Tarefas de Tradução e na Formação baseada em Competência Tradutória.

**Tradutora e Intérprete de Libras:
Barbara Raquel Peres**

Audiodescrição: fotografia de Bárbara, uma mulher branca, com cabelos castanhos, ondulados e curtos, na altura das orelhas. Usa óculos de grau de armação marrom escura e redonda. Veste uma camiseta preta, olha para a foto e sorri.

Mestra em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e Bacharel em Letras Libras com habilitação em Tradução e Interpretação de Libras/Português pela UFSC. É membro da Comissão de Ações Políticas da ACATILS - Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Libras - gestão 2021/2023. Iniciou sua carreira como intérprete em 2010, atuando nas atividades de interpretação simultânea majoritariamente no Ensino Superior em instituições da esfera pública e privada.



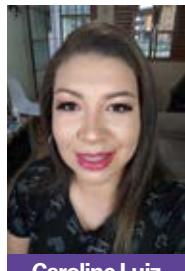
1.4.4 Tutores



Adriana
Martins da Silva



Aline Quintana
Gonçalves



Caroline Luiz
de Vargas



Débora Moraes
(Deca)



Dienusa da Silva
Costa



Emanuelle
Aguiar



Fernanda de
Lima Pinheiro



Francine Carvalho
Madruga



Gabrielle
Coggo



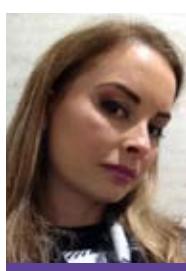
Iracema Barbo-
sa Pinheiro



Laura
Moreira



Lília Jurema
Monteiro Masson



Luciana M.
Soares



Mariléia Corrêa
Camargo Rocha



Mabel
Dworakowski



Ricardo Costa
Brião



Samara de
Oliveira Pereira



Taís Granato
Nogueira



Tamara
Campos Vaz



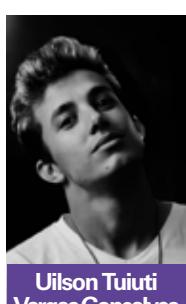
Tenely Cristina
Froehlich



Thainá Pedroso
Machado



Ticiane da Rosa
Osório



Uilson Tuiuti
Vargas Gonçalves



Vinicius Freitas
de Menezes



Roseli de F. da S.
Feitosa Galvão



Yuri Freitas
Mastroiano

2. “Qual o sentido da formação do Curso Tertúlias AEE?”

Realizar formação sobre o papel do atendimento educacional especializado (AEE), situando e discutindo este atendimento no contexto da escola comum inclusiva, sendo esse o objetivo e desafio da formação proposta nas “Tertúlias AEE”.

Contudo, para subsidiar as reflexões e estudos na perspectiva anunciada, abordamos três importantes temas que dão sustentação e explicitam o sentido da formação.

2.1 Sobre a Educação Inclusiva

Adjetivar a educação como “inclusiva” tem sido um movimento crescente, constante e um desafio intensamente debatido na atualidade, em todo o mundo, tanto de forma específica, quanto um valor, ou, na interseccionalidade que o fenômeno sugere, na relação desta qualidade da educação com os contextos e sujeitos aos quais se remete.

No Brasil, essa experiência tem sido estudada, legislada e intensamente compreendida com muitas nuances de compreensão, as quais o curso em tela tratará de explorar e abordar; para os termos desta reflexão, apresentamos uma das compreensões possíveis, a qual trata da educação inclusiva como uma educação sensível, a qual pressupõe a criação e o fomento a “valores para uma educação para todos, todas e todes”:

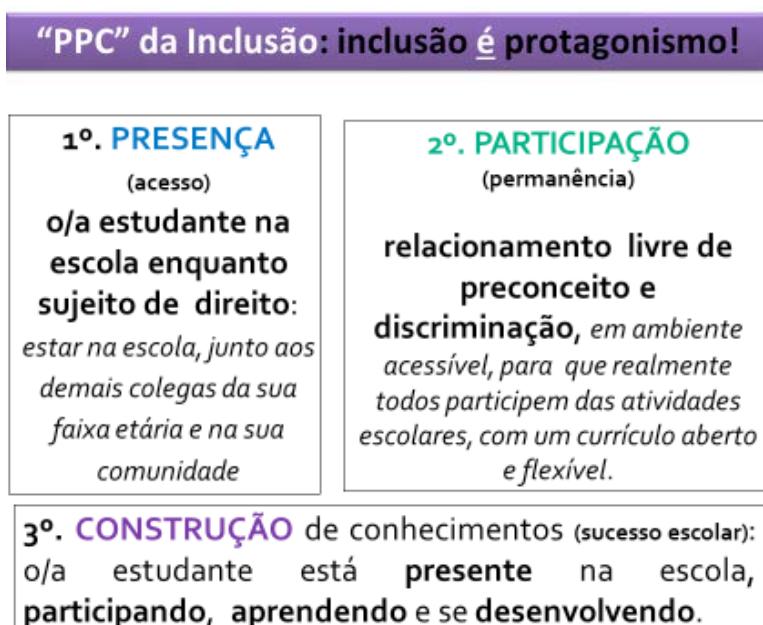
Assim compreendida, a inclusão é, principalmente, a colocação em prática de valores inclusivos. É um compromisso com determinados valores que desejam a superação da exclusão e promoção de participação. Tais valores precisam ser profundamente enraizados, sob pena de a tentativa de inclusão representar a mera adesão a uma “moda” político-pedagógica ou, ainda, apenas ao atendimento burocrático de normas e legislações. (BRIZOLLA; MARTINS, 2021, p. 24)

A proposta de refletir sobre valores e sentimentos relativos à postura sensível de educadores e educadoras frente à educação em uma perspectiva inclusiva tem desafiado a estes e estas quanto à tarefa de transformação deste desafio inicialmente reflexivo em práticas e novas posturas pedagógicas na formação escolar dos estudantes; para tanto, trata de discutir a relação entre a educação sensível dos(as) educadores(as), tornando possível a inclusão de estudantes com deficiência por meio da quebra de barreiras.

No que se refere às ações práticas com as redes de ensino, escolas e professores(as), a formação de educadores e educadoras passa pela efetivação da real possibilidade de mudança nas escolas, a partir (tendo como referência) de três conceitos fundamentais, o qual chamamos “PPC da inclusão”, a saber:

- »» Presença do/a estudante na escola, enquanto sujeito de direito: estar na escola, junto aos demais colegas da sua faixa etária e na sua comunidade;
- »» Participação do/a estudante em um relacionamento livre de preconceito e discriminação, em ambiente acessível para que realmente todos participem das atividades escolares, com um currículo aberto e flexível; e
- »» Construção de conhecimentos pelo/a estudante, o que significa que o aluno está na escola, participando, aprendendo e se desenvolvendo. (BRIZOLLA; MARTINS, 2021, p. 25-26).

Figura 6: elementos do “PPC” da inclusão.



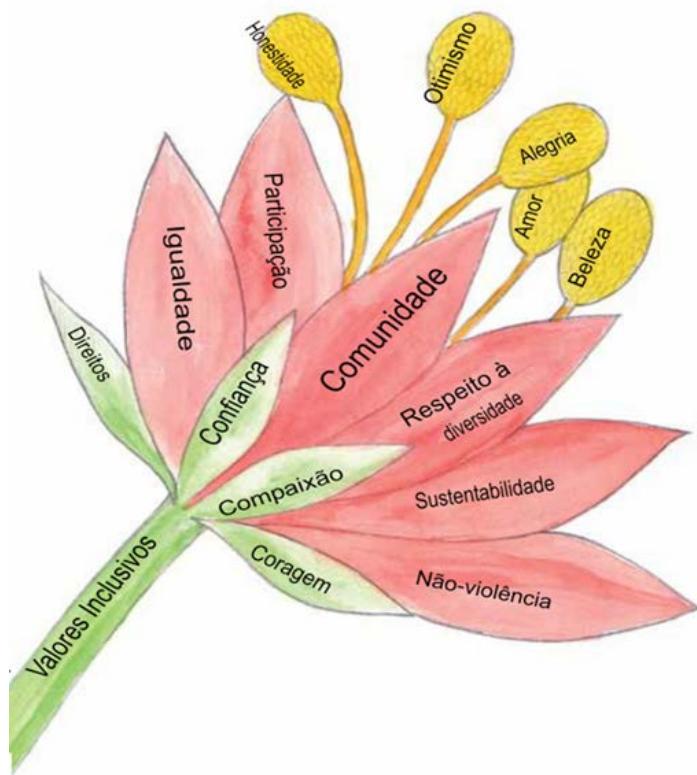
Fonte: acervo das autoras (2020)

Audiodescrição: quadro de esquema com fundo branco e letras pretas. Na parte superior, uma barra roxa com o título em letras brancas pretas: “PPC da Inclusão: inclusão é protagonismo!”. Abaixo, dois quadros com informações, lado a lado. No da esquerda se lê: “1º - Presença (acesso): o/a estudante na escola enquanto sujeito de direito; estar na escola, junto aos demais colegas da sua faixa etária e na sua comunidade”. No quadro da direita se lê: “2º - Participação (permanência): relacionamento livre de preconceito e discriminação, em ambiente acessível, para que realmente todos participem das atividades escolares, com um currículo aberto e flexível”. Abaixo, um terceiro quadro na horizontal, com as informações: “3º - Construção de conhecimentos (sucesso escolar): o/a estudante está presente na escola, participando, aprendendo e se desenvolvendo”. Fim da descrição.

(...) Não se trata de um aspecto da educação relacionado a nenhum grupo particular de crianças. Objetiva aportar coerência ao desenvolvimento de atividades que ocorrem sob diversos títulos de modo a estimularem a aprendizagem e a **participação de todos: as crianças e suas famílias, professores, gestores** e outros membros da comunidade. (BOOTH; AINSCOW, 2011 apud SANTOS; NASCIMENTO, MOTTA, CARNEIRO, 2014, p. 488, grifos nossos)

Relacionando aos princípios e valores aludidos para uma educação que se pretende inclusiva, o Index apresenta cinco considerados os mais relevantes à tarefa: participação, igualdade, comunidade, respeito pela diversidade e sustentabilidade (BOOTH; AINSCOW, 2011 *apud* SANTOS; NASCIMENTO, MOTTA, CARNEIRO, 2014, p. 489). Dentre estes valores, a participação tem lugar ainda mais preponderante, pois é entendido como um conceito chave para compreender e praticar a inclusão, ou seja, sem participação não existe inclusão, ou dito de outro modo, sem comunidade escolar participativa não há inclusão.

Figura 7: desenvolvimento inclusivo na escola.



Fonte: BOOTH; AINSCOW (2011) adaptado pelas autoras (2022)

Audiodescrição: desenho à mão de uma flor dividida em quatro partes: abaixo e à esquerda, o caule da flor, verde e comprido, onde se lê: valores inclusivos. Logo acima, quatro sépalos verdes, longos e com ponta fina, têm cada um os valores escritos: direitos; confiança; compaixão e coragem. No meio, seis pétalas rosas, longas e com pontas finas, cada uma com os valores: igualdade; participação; comunidade; respeito à diversidade; sustentabilidade e não-violência. Na parte mais acima e à direita, cinco filetes amarelos e redondos, que saem de dentro das pétalas, cada um escrito com os valores: honestidade; otimismo; alegria; amor e beleza. Fim da descrição.

Para os termos da reflexão aqui colocada, queremos destacar a questão da comunidade escolar e da colaboração, elementos expressos como fundamentais para o alcance desta educação pretendida. É neste sentido, o de uma escola que se mobiliza como um todo para a efetiva presença, participação e construção de conhecimentos por parte dos estudantes, que entendemos a concepção e o papel do AEE difundido na presente formação - rompendo com a concepção de um trabalho especializado, meramente técnico, a parte das demais tarefas, membros e segmentos da escola, ou realizado de forma específica por um único profissional; avançamos a compreensão de que o AEE se trata, antes disso, de um elemento que compõem as políticas de apoio pedagógico de uma escola inclusiva, na qual configura-se uma variedade ampliada de sujeitos, espaços e recursos.

Como apresenta o provérbio africano que diz que “É preciso uma aldeia para se educar uma criança”, entendemos sobre a premência de responsabilização coletiva pela aprendizagem de crianças e adolescentes e, nesse sentido, parafraseamos dizendo que “É preciso uma escola inteira para incluir uma criança”.

2.2 Sobre Apoio pedagógico especializado: importância no projeto da escola comum inclusiva (na e para a comunidade escolar como um todo)

O AEE é um atendimento especializado tido como fundamental para garantir a aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou superdotação; contudo, sua organização e oferta deve ocorrer no **contexto da escola inclusiva**, por meio de uma ação coletiva e colaborativa, pois conforme o conceito de inclusão e escola inclusiva apresentados, é responsabilidade de todos(as), um processo complexo que exige ação integrada de todos os(as) sujeitos(as) envolvidos(as) no processo - estudantes com deficiência, estudantes em geral, professores(as) do ensino comum e do atendimento especializado, demais profissionais da educação que atuam nas escolas, famílias, etc.

Na Constituição Federal Brasileira (1988) o AEE é instituído no Artigo 208, inciso III, com determinações que devem nortear a educação inclusiva no país. Pelo artigo 208, há mais de três décadas está previsto que os(as) estudantes com deficiência têm **direito** a este atendimento, sendo ofertado **preferencialmente** na rede regular de ensino, ou seja, no âmbito das escolas comuns.

Além disso, no Brasil, a mudança para o paradigma educacional inclusivo, amparado em normas e leis, alterou substancialmente a oferta da modalidade da educação especial nas escolas; o entendimento é de que o **AEE compõe a oferta de apoio pedagógico especializado na escola, mas não se restringe somente a este**. Esta nova concepção, portanto, implica em formação aos(as) professores e profissionais da educação, com alinhamento à nova perspectiva que, inicialmente, é uma mudança cultural, seguida de mudança política

para, então, produzir mudanças as práticas escolares, pois implica a mudança de paradigma da “velha Educação Especial” para a “Educação Especial na perspectiva inclusiva”.

O grande desafio da última década, pelo menos, tem sido extrapolar o modelo único de atendimento especializado nas escolas por meio das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), que se tornaram sinônimo desse atendimento, mesmo não sendo espaços exclusivos para esse trabalho. As SRM foram implantadas pela Resolução CNE/CEB n. 4/2009, a qual institui “Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial”; pela resolução, conforme Art. 5º:

O AEE é realizado, **prioritariamente**, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios. (BRASIL/CNE/MEC, 2009, grifos nossos)

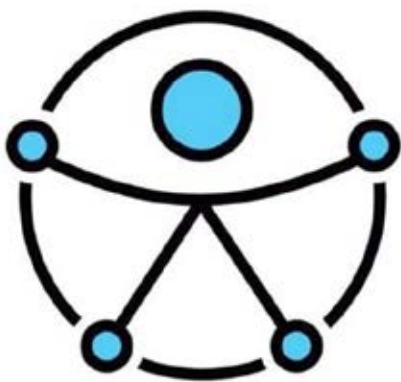
Nesse sentido, é necessário fazer uma revisão com o modo de realização do AEE, até o momento, bem como, ousar novas proposições de apoio pedagógico na escola como um todo; corroborando essa ideia, Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014, p. 29), afirmam que:

O que há de especial neste sistema de apoio, incluindo o aluno, seu professor e o seu ensino, fica restrito ao ambiente especializado (...) enquanto a sala, a classe de aula comum permanece inalterada. A abordagem de atendimento é funcionalista porque se centra em compensar supostos déficits no aluno com deficiência. (grifos nossos)

Especialmente a partir de 2011, por força do “Decreto do AEE” (BRASIL, 2011) e, após, em 2015, com o estabelecimento do Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), o AEE toma uma nova configuração, ampliando tanto o raio de sua atividade quanto o da sua estrutura dentro da escola; nesse sentido, passa a colaborar diretamente com a educação escolar inclusiva, entendida enquanto um movimento de transformação da educação como um todo.

A força da nova concepção, social e coletivamente referenciada, pode ser observada na logomarca do novo símbolo de acessibilidade divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2015): “A Acessibilidade” (“The accessibility”) representada como uma figura simétrica conectada por quatro pontos a um círculo, representando a harmonia entre o ser humano e a sociedade, e com os braços abertos, simbolizando a inclusão de pessoas com todas as habilidades, em todos os lugares.

Figura 8: símbolo internacional da Acessibilidade (ONU, 2015).



Fonte: ONU BRASIL (2015).

Audiodescrição: Símbolo universal de acessibilidade da Organização das Nações Unidas (ONU). Desenho gráfico em traços pretos que representam uma figura humana com os braços abertos e pernas esticadas. Quatro círculos pequenos preenchidos em azul claro, posicionados nas pontas de cada membro, representam as mãos e os pés e, no entorno da figura humana, uma linha forma uma circunferência que conecta os quatro pontos. Um círculo maior também preenchido em azul claro e acima das linhas do corpo, representa a cabeça da figura humana. Fim da descrição.

Remetendo esta imagem à escola comum, aos estudantes e o espaço escolar, o AEE deve ser entendido e praticado no contexto da escola, de forma coletiva exigindo, portanto, um deslocamento da posição isolada inicial que este atendimento (o “especial” ou especializado) desempenhou na história da educação especial.

É, portanto, uma ação de toda a comunidade escolar prover escolas apoiadoras, que acolhem e educam os(as) estudantes; nesse grande desafio, o AEE deve ser ponte, meio, não como elemento como fim em si mesmo, mas como espaço e serviço de mediação.

2.3 Sobre Trabalho colaborativo: importância no projeto da escola comum inclusiva

A discussão aqui introduzida quanto à ampliação da compreensão sobre o AEE na escola comum, com vistas à inclusão escolar, prescinde de uma nova cultura escolar, como também já foi postulado, desde as questões curriculares às físicas e arquitetônicas; contudo, para levar a cabo tal desafio, um elemento fundamental dessa mudança é a concepção do trabalho colaborativo na escola, especialmente, entre os(as) professores(as) do ensino

comum e os(as) professores(as) especializados(as). Podemos afirmar que o ensino colaborativo é especialmente uma forma de apoio pedagógico para a escolarização de todos(as) estudantes.

Já no início dos anos 2000, pós LDB 9394/96, foram lançadas as “Diretrizes Nacionais de Educação Especial” (2001), indicando que: “A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns do ensino regular (...) **exige interação constante entre o professor de classe comum e de serviços de apoio pedagógico especializado**” (BRASIL, 2001, p. 51, *grifos nossos*).

Daquela época para cá, até estes últimos anos da primeira década dos anos 2000, ocorreu um forte movimento em relação a estas práticas colaborativas entre o professor do AEE em colaboração com o(a) professor(a) da sala comum, pois este trabalho articulado foi novamente recomendado na Resolução n. 04/2009, em seu Art. 13 (inciso VIII), que dispõe sobre: “(...) **estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum**, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares” (BRASIL, 2009, p. 03, *grifos nossos*).

A nova Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva (2008) e as diretrizes decorrentes quando se trata do trabalho pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que pressupõe a matrícula do(a) estudante na turma de sua referência no ensino comum com previsão de atendimento educacional especializado no contraturno, com atuação complementar ao processo de ensino-aprendizagem traz a tona a necessidade da articulação entre o segmento da educação especial (representado pelo atendimento educacional especializado e os(as) professores(as) especializados(as)) e o segmento da educação comum (representado pelos(as) professores(as) das classes comuns, monitores(as), coordenação pedagógica, pais e demais estudantes, outros profissionais da educação na escola, etc.

Isto posto, a partir da efetivação da inclusão escolar, assim como o AEE precisa reconstruir sua forma de atuação configurando novas práticas pedagógicas, o trabalho pedagógico docente necessita de uma revisão, dentro de uma nova cultura escolar. A articulação entre os(as) referidos(as) profissionais proporcionará maior circulação de informações, por meio de trocas colaborativas, importantes ferramentas na construção de estratégias de atendimento e seleção de recursos de acordo com as necessidades específicas apresentadas por cada aluno, por exemplo.

Os profissionais trabalham de forma conjunta no que se refere ao planejamento, configurando uma parceria que visa uma tomada de decisão do profissional em relação a tarefa de pensar as questões de forma reflexiva e coletiva. A seguir evidenciamos a estrutura do trabalho colaborativo dentro do espaço escolar, conforme o esquema abaixo:

Figura 9: organização do trabalho docente colaborativo.



Fonte: Machado (2019)

Audiodescrição: quadro de esquema com fundo branco e letras pretas. Na parte superior, um retângulo com título em letras azuis: “Trabalho docente colaborativo”. Deste título, um traçado preto conecta a outros dois retângulos: no da esquerda, com fundo azul, se lê “Professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE)”; e no da direita, com fundo vermelho, se lê “Professores de sala comum (professor por disciplina)”. Uma flecha sai de cada um dos retângulos e apontam para baixo, num retângulo maior, com fundo verde, em que se lê: “Desenvolver práticas pedagógicas que contemplem a todos, através de parcerias de trabalho entre os profissionais envolvidos.” Fim da descrição.

Assim, para viabilizar o trabalho colaborativo se faz necessário que os profissionais envolvidos avaliem quais barreiras são impeditivos do desenvolvimento desta proposta e, a partir destas reflexões, se faz necessário a tomada de ações para superação e acessibilidade referente ao planejamento colaborativo, de fato. Assim, entendemos que:

[...] a abordagem social dos direitos humanos que embasa o modelo de colaboração beneficia não somente o aluno com deficiência, mas todos os alunos. As equipes diretivas, em conjunto com a supervisão escolar, têm um papel muito importante nesta proposta pois podem articular estes momentos e oportunizar aos professores que atuam no AEE e nas salas de aula comuns espaços de planejamento em colaboração. (MACHADO, 2019, p. 46)

O trabalho colaborativo efetivo requer compromisso, apoio mútuo, respeito, flexibilidade e partilha de saberes. Conforme o propósito da metodologia de Tertúlias, nenhum profissional é considerado superior aos outros, pois cada profissional envolvido pode aprender e beneficiar-se dos saberes dos demais e, com isso, o beneficiário maior será sempre o(a) estudante. Como objetivo final, o trabalho colaborativo procura desenvolver metodologias de ensino para garantir o acesso ao currículo, enriquecimento curricular, formas diferenciadas de avaliação para melhoria no desempenho acadêmico e acessibilidade plena.

Em trabalhos anteriores, sobre o mesmo tema, compactuamos com Beyer (2006) quanto aos aspectos centrais de definição da educação inclusiva e dos princípios que podem garantir o sucesso das práticas pedagógicas inclusivas, quais sejam: 1º. promover convivência construtiva dos alunos (aprendizagem comum); e 2º. considerar as especificidades pedagógicas dos(as) com necessidades especiais. Esta dupla exigência aos projetos pedagógicos das instituições escolares representa o desafio atual e a necessidade premente de uma articulação das práticas docentes, que tenham por base uma atitude cooperativa de troca de saberes, competências e experiências a fim de se garantir o êxito das políticas de inclusão escolar (BRIZOLLA, 2010).

Nas palavras do próprio autor:

O desafio é construir e pôr em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas. Ao contrário, pondo em andamento, na comunidade escolar, uma conscientização crescente dos direitos de cada um. (BEYER, 2006, p. 76 apud BRIZOLLA, 2010, p. 3)

Nossa expectativa é que este curso, a partir dos conteúdos escolhidos e do delineamento previsto para as atividades, consiga cumprir com o objetivo geral do curso, qual seja, que ao final da formação os/as professores/as participantes estejam aptos e preparados para atuar na perspectiva do AEE integrado ao contexto da escola comum, em atitude colaborativa com os demais professores(as) e profissionais da educação, resultando em efetiva quebra de barreiras e acessibilidade pedagógica que incidam positivamente na aprendizagem com presença, participação e construção de conhecimentos por parte dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Intencionamos e convidamos a todos e todas para, a partir dos estudos e reflexões realizadas, construir a nova abordagem do trabalho de AEE na perspectiva inclusiva (colaborativa e acessível).

3. “Quem é você?”

Agora que já nos apresentamos, que apresentamos o caminho desta formação, chegou a sua vez!

Por meio do mesmo exercício autobiográfico realizado pela equipe pedagógica, equipe técnica e equipe de tutoria, nos conte QUEM É VOCÊ!

UM SÓ (Tribalistas)

Somos comunistas	Quando juntos
E capitalistas	Somos um só
Somos anarquistas	Um só
Somos o patrão	Somos democratas
Somos a justiça	Somos os primatas
Somos o ladrão	Somos vira-latas
Somos da quadrilha	Temos pedigree
Viva São João	Somos da sucata
Somos todos eles	E você aí
Da ralé, da realeza	Somos os piratas
Somos um só	Guarani-tupis
Um só	Somos todos eles
Um, dois, três	Da ralé, da realeza
Somos muitos	Somos um só
	Um só

Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZTSd9AvKpaE>

Construa seu cartão de apresentação. Após, poste no espaço interativo do Google Sala de Aula, no Mural da Turma.

4. Referências

BAPTISTA, Claudio Roberto. Educação inclusiva. **Revista Ponto de Vista**, Florianópolis, v. 1, n. 3/4, p. 161-172, 2002.

BEYER, Hugo Otto. Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas. IN: BAPTISTA, Cláudio Roberto (Orgs.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Editora Mediação, p. 73-81, 2006.

BRASIL. **Constituição Federal**. Constituição Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal/ Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 15 nov. 2022.

_____. **Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

_____. **Diretrizes operacionais da educação especial para o atendimento educacional especializado na educação básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**, que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm>. Acesso em 15 nov. 2022.

_____. **Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**, Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em 15 nov. 2022.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, 2008. Disponível em: <http://ep348v.blogspot.com.br/2012/03/politica-nacional-de-educacao-especial_8746.html>. Acesso em 15 nov. 2022.

BRIZOLLA, Francéli. **Políticas públicas de inclusão escolar: negociação sem fim.** Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2007.

BRIZOLLA, Francéli; MARTINS, Claudete da Silva L. Glossário de descrição de imagens institucionais. In: BRIZOLLA, Francéli; MARTINS, Claudete da Silva Lima; OLIVEIRA, Nara Rosane Machado de; SILVEIRA, Michela Lemos (Orgs.). **INCLUSIVE: experiências, pesquisas e vivências em educação inclusiva no Pampa Gaúcho.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

BRIZOLLA, Francéli; SANTOS, Giovana Brizolla Algarve. Grupo INCLUSIVE e sua contribuição à inclusão no Pampa Gaúcho. In: BRIZOLLA, Francéli; MARTINS, Claudete da Silva Lima; OLIVEIRA, Nara Rosane Machado de; SILVEIRA, Michela Lemos (Orgs.). **INCLUSIVE: experiências, pesquisas e vivências em educação inclusiva no Pampa Gaúcho.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

MENDES, Enicéia Gonçalves; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial.** São Carlos: UFSCar, 2014.

MACHADO, Michela Lemos Silveira. **O trabalho docente colaborativo na perspectiva da educação inclusiva.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Pampa. Mestrado em Ensino, 2019. Orientação Francéli Brizolla.

SANTOS, Mônica P. dos; NASCIMENTO, Alline Gonçalves do; MOTTA, Evanir da Rocha; CARNEIRO, Lillian Auguste Bruns. O Index para a Inclusão como Instrumento de Pesquisa: uma Análise Crítica. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 4, p. 485-496, Out.-Dez, 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: **Revista de Educação AEC.** Brasília, (n. 83), abril de 1992.

ZAMPRONI, Eliete Cristina Berti; BRIZOLLA, Francéli. **Desenvolvimento cognitivo do aluno com deficiência intelectual: o papel do Atendimento Educacional Especializado na escolarização.** UFPR Litoral, 2010.